

Entrevista • **Roberto Da Matta***

Brasil: futebol tetracampeão do mundo

Pesquisa de Campo: Qual a representação para os brasileiros, da conquista do Tetra-campeonato? Qual a metáfora desta conquista?

Roberto Da Matta: O Tetra — conquistado dramaticamente por pênaltis e com um elemento insofismável de sorte — sinalizou que as coisas poderiam dar certo no Brasil. Minha interpretação é que essa conquista foi um presságio, um sinal de que o Brasil entrava nos eixos e, eis a metáfora, que Deus voltava a ser brasileiro.

Pesquisa de Campo: No Brasil a polêmica futebol-arte e futebol-força, assumiu uma dimensão singular. Quais as raízes culturais desta polêmica?

Roberto Da Matta: Futebol-força exprime um estilo onde a ênfase no treino consequentemente na racionalidade é maior e mais intensa. Já a idéia do futebol-arte fala de carisma, de sorte, de malandragem, de jogo-de-cintura, de beleza e de sedução carnavalescante. De um lado há a idéia Ocidental do exercício como base de tudo; doutro, a idéia reprimida pelo Ocidente capitalista, liberal e burguês, de um mundo

*Do Depto. de Antropologia da Universidade de Notre Dame (USA), Professor Titular do Depto. de Antropologia da UFF, Editor e Co-Autor de "Universo do Futebol - Esporte e Sociedade Brasileira" - Edições Pinakothek - RJ - 1982.

encantado, onde os deuses existem e falam com os homens. No caso do futebol, falam por meio de seus ídolos. A raiz cultural da polêmica, então, jaz na oposição entre um Brasil que se representa como moderno e um Brasil que se representa como mágico ou tradicional — um Brasil no qual a natureza, o sobrenatural e os homens se comunicam.

Pesquisa de Campo: *A evasão de craques tem sido mais ou menos constante, no futebol brasileiro, desde as primeiras décadas. Qual a perspectiva do futebol, como espetáculo de massa, com a ausência de seus ídolos, de seus heróis?*

Roberto Da Matta: A evasão não é um dado do futebol brasileiro, mas da conjuntura econômica. As coisas melhoram e os craques voltam. Está aí o exemplo do Romário.

Pesquisa de Campo: *O “Universo do Futebol”, foi um marco na história das relações entre futebol e universidade no Brasil. Hoje, qual sua análise desta história e seu momento atual?*

Roberto Da Matta: O livro que editei, “Universo do Futebol”, foi publicado no início dos anos 80. Meu ensaio foi escrito em 1979 e nele eu tratava de encarar o futebol como um fenômeno social e político sério. Esse mesmo ponto de vista foi adotado pelos meus colegas (então alunos pós-graduados do Museu Nacional) Arno Vogel, Simoni Lahud Guedes e Luis Felipe Baeta Neves. No fundo foi um ato de coragem intelectual porque os anos 70 foram anos de censura e de terror político e isso de

algum modo chumbava a nossa imaginação. Eu me lembro, por exemplo, que quando dei uma entrevista para o jornal Folha de São Paulo, em 1974, sobre a derrota do Brasil e sobre a importância do futebol, o repórter que me entrevistava ficou surpreso e um tanto magoado.

Porque ele queria que eu enjaulasse o futebol no espaço das coisas alienantes, das coisas que o povo gostava por engano e a minha atitude era realizar o justo oposto o que, na época, era uma forma de assumir os nossos limites. E isso ninguém queria ouvir. Ou seja, naqueles tempos, aos militares, contrapunham-se os intelectuais. Daí a dificuldade em circular na antropologia brasileira com interpretações do futebol e do carnaval e ainda por cima dizendo que 90 milhões não podiam estar alienados! E que esses fenômenos (incluindo ao lado deles a música popular e a religião) eram absolutamente básicos para o entendimento de nosso sistema social.

Pesquisa de Campo: *Quais as diferenças e semelhanças sociológicas, entre o beisebol e o futebol, respectivamente, para as sociedades e culturas norte-americana e brasileira?*

Roberto Da Matta: Uma pergunta muito grande e difícil de responder. Nos Estados Unidos, os dois esportes mais populares: o beisebol e o futebol americano (doravante f.a.) formam, num certo nível, um par contrastivo. Assim, o beisebol é muito mais bucólico e pástor, um jogo no qual os jogadores se parecem com pessoas comuns. O famoso Babe Ruth, o Pelé do beisebol americano, era um cara gordinho, tinha uma barriga de tomador de cerveja o que faz um contraste imenso com os jogadores de futebol que, com toda a parafernália que usam no campo, ficam

Daí a dificuldade em circular na antropologia brasileira com interpretações do futebol e do carnaval e ainda por cima dizendo que 90 milhões não podiam estar alienados! E que esses fenômenos (incluindo ao lado deles a música popular e a religião) eram absolutamente básicos para o entendimento de nosso sistema social.

No fundo foi um ato de coragem intelectual porque os anos 70 foram anos de censura e de terror político e isso de algum modo chumbava a nossa imaginação.

parecidos com seres de outros planetas e com super-homens, pois o equipamento realça os ombros e o capacete lhes dá uma silhueta de técnicos do esporte. Mas isso cessa o contraste, porque tanto o beisebol quanto o futebol americano são jogos baseados no território. No beisebol você faz pontos quando conquista bases; no futebol quando ganha território, como numa guerra. Talvez a diferença esteja no fato de que no beisebol a dramatização seja do ciclo de vida americano ideal: sair de casa, conquistar o mundo (que é lido como território e espaço) e voltar para casa. Neste sentido, vale lembrar que o beisebol tem uma "base" chamada precisa e significativamente de "homem-base" que tem a forma de uma "casa".

No caso do Brasil, como na Europa, tudo isso muda. Aqui, o esporte que fez sucesso foi a versão futebolística jogada com os pés, um tipo de jogo importado da Inglaterra. Com isso, usa-se mais o corpo conforme disse em outros trabalhos.

Mas os valores básicos da sociedade americana, que são os valores dominantes, levam a uma afinidade maior com esportes jogados com a mão (que permitem maior precisão técnica), com jogos onde se pode desenvolver estratégias e com esportes onde os escores são altos.

Pesquisa de Campo: Qual foi a repercussão da Copa do Mundo nos Estados Unidos? Qual a perspectiva do futebol, neste país?

Roberto Da Matta: O futebol aqui é um jogo de meninas e de mulheres. Não é um esporte de multidões como no Brasil. Achar que uma Copa do Mundo vai mudar hábitos e valores sociais arraigados é imaginar que se pode mudar os políticos brasileiros promovendo seminários internacionais sobre ética e religião. Claro que há um mercado para o futebol aqui. Afinal há nos Estados Unidos, milhões de imigrantes da América Latina, Ásia, Europa e África que são apaixonados pelo

pobre esporte bretão. Mas os valores básicos da sociedade americana, que são os valores dominantes, levam a uma afinidade maior com esportes jogados com a mão (que permitem maior precisão técnica), com jogos onde se pode desenvolver estratégias e com esportes onde os escores são altos.

Pesquisa de Campo: Quais os significados contidos em: "... diferentemente de outras instituições, o futebol reúne muita coisa na sua invejável multivocalidade...", fragmento de "Antropologia do Óbvio", de sua autoria, na Revista USP/1994?

Roberto Da Matta: Falo em multivocalidade porque em certos momentos, o futebol representa tudo: religião, moralidade, orgulho nacional, progresso, malandragem, honestidade, destino, modernidade, política, liderança, devoção religiosa, recompensa moral, capacidade física, civismo, cortesia e civilidade e outros temas. Com isso quero dizer que o futebol permite discutir tudo isso.

Pesquisa de Campo: Qual a sua leitura em relação à escolha de Pelé, como Ministro Extraordinário dos Esportes?

Roberto Da Matta: Foi um golpe de mestre porque o Pelé ajuda a popularizar uma série de problemas que o governo quer mexer. Um deles, básico, é a moralização dos clubes e das verbas a eles destinadas.

Pesquisa de Campo: Fausto, Heleno, Zizinho, Garrincha, Afonsinho, Romário... Qual a dimensão simbólica dos "rebeldes" do futebol, para a sociedade brasileira?

Foi um golpe de mestre porque o Pelé ajuda a popularizar uma série de problemas que o governo quer mexer.

Roberto Da Matta: Os chamados jogadores “temperamentais” dramatizam muita coisa. Entre elas, o fato de que nem sempre o sucesso faz bem aos seres humanos. Eles representam as dificuldades de seguir regras e de se transformarem pacificamente em instrumentos do esporte.

Pesquisa de Campo: “Futebol é a Arte Suprema” - Chico Buarque de Holanda, entrevista-vídeo concedida ao Núcleo de Sociologia do Futebol - UERJ. Qual a sua interpretação do futebol, enquanto estilo de arte, bem como de suas relações com as artes no Brasil, de uma maneira geral?

Roberto Da Matta: Futebol para mim é um drama. É uma situação que permite exprimir valores críticos que guiam as nossas vidas. É uma arte na medida em que deixa surgir o belo. Mas é também religião na medida em que deixa surgir o azar ou a sorte do nosso time. É também política na medida em que deixa ver decisões e conflitos. Enfim, o futebol é, no caso brasileiro, uma arte e mais do que uma arte. É uma metáfora para a vida, tal como nós a concebemos em nosso país.

Enfim, o futebol é, no caso brasileiro, uma arte e mais do que uma arte. É uma metáfora para a vida, tal como nós a concebemos em nosso país.

Futebol, os jogos - 1º turno*

Luiz Felipe Baêta Neves Flores**

Por razões não muito precisas — pelo menos por enquanto — houve (de fato, está havendo) uma súbita aliança de acontecimentos políticos e econômicos no futebol carioca que acabou por ocupar um extraordinário espaço nos meios de comunicação de massa e na conversa cotidiana deste verão de 1994/1995 (escrevo **deste** propositadamente: redijo em fevereiro de 1995, primeiros dias).

O desempenho carioca na temporada anterior ao período que observo tinha se caracterizado pela pobreza — de público e de espetáculo — que contrastava com a opulência de equipes paulistas e européias e com a euforia advinda da recente conquista, pelos brasileiros, do campeonato mundial nos Estados Unidos. A sensação carioca de penúria e frustração se acentuava, possivelmente, por um sentimento singular de perda; o futebol seria um esporte “tipicamente carioca” e, justamente depois de uma conquista mundial, o Rio parecia se sentir lesado: os jogadores aqui nascidos ou aqui formados ou que, afinal, aqui jogavam deixavam a cidade atraídos por outros centros que os seduziam por dinheiro, profissionalismo, segurança.

A memória social parece escolher a disputa pela presidência do Flamengo, com a vitória de um

* O “2º turno” deste ensaio sairá no próximo número de Pesquisa de Campo.

***Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade de Paris V Sorbonne. Professor na UFRJ e na UERJ. Co-autor de “Universo do Futebol - Esporte e Sociedade Brasileira” - Edições Pinakothke, RJ - 1982.**

O desempenho carioca na temporada anterior ao período que observo tinha se caracterizado pela pobreza — de público e de espetáculo — que contrastava com a opulência de equipes paulistas e européias